

É uma terra sombria. Não tem mais do que uma fábrica de algodão, casas de duas assoalhadas onde vivem os operários, alguns pessegueiros, a igreja com duas janelas de vitral e uma rua principal, feia, com apenas cem jardas de comprimento. Aos sábados, os rendeiros das quintas em redor vão até lá para um dia de conversa e compras. Nos outros dias, está vazia e triste, como todos os lugares perdidos e distantes do mundo. O apeadeiro de comboio mais próximo é em Society City e as carreiras de camionetas Greyhound e White passam na estrada de Forks Falls, a três milhas de distância. Os invernos são curtos e ásperos, os verões resplandecentes e de um calor atroz.

Se uma pessoa descer a rua principal numa tarde de calor de agosto, não encontra absolutamente nada que fazer. O edifício maior, no centro da povoação, foi entaipado e encontra-se de tal maneira inclinado para a direita que parece prestes a cair de um momento para o outro. A casa é muito antiga. Tem um aspeto estranho e arruinado que intriga, até que, de súbito, se percebe que, há muito tempo, o lado direito da varanda esteve pintado e também parte da parede, mas o trabalho não chegou a ser concluído e, por isso, uma parte da casa é mais escura e soturna.

O edifício parece completamente desabitado. Contudo, no segundo andar, uma das janelas não está entaipada; às vezes, ao entardecer, quando o calor ainda aperta, uma mão abre de-

vagar a persiana e uma cara olha para a rua. E uma face como as dos sonhos, esbatida e medonha, assexuada e lívida, com dois olhos cinzentos enviesados, de tal maneira virados um para o outro que parecem trocar longos e secretos olhares de desgosto. A cara demora-se à janela uma hora, mais ou menos, depois corre a persiana e é como se não houvesse mais ninguém na rua principal. Nessas tardes de agosto, quando termina o turno da fábrica, não há nada para fazer; quando muito, pode-se ir até à estrada de Forks Falls para ouvir as conversas dos presos, de grilhetas nos tornozelos.

Contudo, foi mesmo aqui que existiu, em tempos, um café. E esta casa arruinada era diferente de todas as outras casas num raio de muitas milhas. Tinha mesas com toalhas e guardanapos de papel, fitas coloridas presas às ventoinhas elétricas e grandes ajuntamentos nos sábados à noite. A dona era Miss Amelia Evans. Mas o responsável pelo êxito e alegria do local era um corcunda, o primo Lymon. Outra pessoa representou um papel na história deste café; trata-se do antigo marido de Miss Amelia, um personagem terrível, regressado depois de uma longa permanência na penitenciária. Fez das suas e depois seguiu novamente o seu caminho. Há muito que o café está fechado, mas ainda há quem se lembre.

A casa nem sempre fora um café. Miss Amelia herdou o edifício do pai, uma loja de rações, adubo e outros artigos, mercearias e rapé. Miss Amelia era rica. Além da loja, possuía uma destilaria, a três milhas dali, nos pântanos, onde se fazia a melhor bebida da região. Era uma mulher morena, grande, com ossos e músculos de homem. Tinha o cabelo curto e penteado para trás e havia no rosto, queimado do sol, algo de ansioso e esgazeado. Podia ter sido uma mulher bonita se não fosse ligeiramente estrábica. Muitos a podiam ter cortejado, mas Miss Amelia era indiferente ao amor dos homens e preferia a solidão. O casamento dela foi diferente de qualquer outro havido na região. Foi um casamento estranho e que apenas durou dez dias, deixando toda a gente cheia de espanto e cho-

cada. Excetuando este estranho acontecimento, Miss Amelia viveu sozinha toda a vida. Muitas vezes, passava noites inteiras no pântano, debaixo do telheiro, vigiando em silêncio o lume brando do alambique.

Miss Amelia prosperava com tudo o que se pode fazer manualmente. Vendia refeições de dobrada e salsichas e, nos dias calmos de outono, moía o sorgo e fazia xarope, que, ao sair dos tubos, era dourado e aromático. Construiu uma retrete em tijolo, por detrás da loja, em apenas quinze dias, e era exímia em carpintaria. Miss Amelia só não se sentia à vontade com as pessoas, porque, a menos que fossem pobres de espírito ou doentes, não podiam ser manobradas e transformadas num abrir e fechar de olhos em algo que valesse a pena e desse lucro. A única utilidade que via nos outros era o dinheiro. E conseguia sempre maneira de lhes extrair algum. Hipotecas sobre colheitas e terrenos, uma serração, dinheiro no banco... Era a mulher mais rica das redondezas.

Podia ter sido tão rica como um deputado ao Congresso, se não fosse aquele defeito, a sua paixão por querelas judiciais. Envolvia-se em longos e complicados litígios por ninharias. Dizia-se que Miss Amelia, se caísse no meio da rua por tropeçar numa pedra, a primeira coisa que faria era olhar à volta à procura de algo contra que pudesse mover uma ação. À parte estas batalhas legais, vivia uma vida tranquila; os dias iguais uns aos outros. E, se se descontar os dez dias do casamento, nada aconteceu que mudasse este estado de coisas, até à primavera do ano em que Miss Amelia fez trinta anos. Foi por volta da meia-noite de uma calma noite de abril. O céu era da cor azul do lírio-do-pântano, a Lua brilhava límpida. Nessa primavera, as colheitas prometiam bastante e, nas semanas anteriores, a fábrica laborava com um turno à noite. Perto do riacho, o cubo de tijolo que era a fábrica tornara-se amarelado, por causa das luzes acesas no seu interior, e ouvia-se o leve ruído contínuo dos teares em movimento. Numa noite assim, sabe bem ouvir ao longe, atravessando os campos escuros, o cantar lento de um preto apaixonado. Também é agradável ficar sen-

tado e pegar numa viola ou simplesmente estar sozinho e não pensar em nada.

Nessa noite, a rua estava deserta, mas a casa de Miss Amelia tinha luz e na varanda estavam cinco pessoas. Uma delas era Stumpy MacPhail, contramestre, cara corada e delicadas mãos vermelhuscas. No degrau mais alto, dois rapazes em fato de trabalho, os gémeos Rainey, ambos magros e indolentes, cabelo muito claro e sonolentos olhos verdes. O outro homem era Henry Macy, pessoa tímida e envergonhada, modos gentis e nervosos, sentado na beira do degrau mais baixo. A própria Miss Amelia estava encostada à ombreira da porta aberta, com grandes botas de borracha, desfazendo pacientemente nós de uma corda que encontrara. Estavam em silêncio há um bom pedaço. Um dos gémeos, que estivera a olhar a rua deserta, foi o primeiro a falar.

— Vejo qualquer coisa a vir para cá — disse.

— Um vitelo tresmalhado — contrapôs o irmão.

O vulto que se aproximava ainda estava longe para ser visto claramente. O luar projetava sombras vagas dos pessegueiros em flor que ladeavam a rua. No ar, o perfume dos rebentos e da erva tenra misturava-se ao cheiro quente e azedo da lagoa próxima.

— Não. É o compincha de alguém — disse Stumpy MacPhail.

Miss Amelia olhava a rua em silêncio. Pusera de parte a corda e segurava as alças das jardineiras com os dedos ossudos e tismados. Franziu as sobrancelhas e caiu-lhe para a testa uma madeixa de cabelo escuro. Enquanto aguardavam, na expectativa, um cão, numa das casas, começou a uivar descontrolado e continuou até uma voz o mandar calar. Só quando o vulto se aproximou bastante para ficar ao alcance da luz amarelada da varanda é que viram do que se tratava.

Era um homem desconhecido, e raramente um desconhecido entrava naquela terra a pé e àquela hora. Além disso, o homem era corcunda. Não tinha mais de quatro pés de altura e vestia um sobretudo poeirento e esfarrapado, que só lhe dava pelos joelhos. As pernas curtas e arqueadas pareciam magras demais para aguentar o peso do peito deformado e a bossa que lhe

assentava entre os ombros. Tinha uma cabeça enorme, olhos azuis encovados e uma boca pequena e fina. A cara era, ao mesmo tempo, doce e atrevida, e, naquele momento, a pele por debaixo dos olhos, pálida e suja do pó da estrada, deixava ver as olheiras fundas.

— Boa noite — disse o corcunda, ofegante.

Miss Amelia e os homens continuaram calados. Limitaram-se a olhar para ele.

— Procuo Miss Amelia Evans.

Miss Amelia afastou o cabelo da testa e levantou o queixo.

— Porquê?

— Sou parente dela — respondeu o corcunda.

Os gémeos e Stumpy MacPhail olharam para Miss Amelia.

— Sou eu — disse ela. — Que quer dizer com parente?

— Porque... — começou o corcunda. Parecia pouco à vontade, como se estivesse prestes a chorar. Pousou a mala no último degrau, mas não tirou a mão da pega.

— A minha mãe chamava-se Fanny Jesup, natural de Cheehaw. Saiu de lá há uns trinta anos, quando casou pela primeira vez. Lembro-me de a ouvir dizer que tinha uma meia-irmã chamada Martha. Lá em Cheehaw disseram-me hoje que era a sua mãe.

Miss Amelia escutou, de cabeça ligeiramente inclinada. Jantava aos domingos sozinha; a casa dela nunca abundava em parentes e dizia não os ter. Houvera uma tia-avó, dona de uma estrebaria em Cheehaw, mas morrera. Além dela, havia apenas uma prima afastada, numa terra a vinte milhas de distância, mas esta prima e Miss Amelia não se davam bem e, quando acontecia encontrarem-se na rua, cada qual cuspiu para seu lado. De tempos a tempos, outra gente tinha tentado descobrir graus de parentesco com Miss Amelia, mas sem sucesso.

O corcunda começou a desfiar uma longa história sem nexo, citando nomes e lugares que eram desconhecidos dos ouvintes e nada pareciam ter que ver com o assunto.

— Portanto, Fanny e Martha Jesup eram meias-irmãs. Eu sou filho do terceiro marido de Fanny, o que faz de nós... —